

II - 2022/2023

SÊ PLURAL

*Não fracassamos pelos nossos sonhos, mas sim por não termos sonhado com intensidade suficiente.*

Ernst Jünger

## ADVERTÊNCIA AO LEITOR

A presente revista aborda assuntos que promovem atitudes conducentes à prática da NÃO VIOLÊNCIA.

A sua leitura pode afetar mortalmente a INTOLERÂNCIA que em ti ainda possa existir.



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS  
Nº2 DE ABRANTES



# NOTA DE ABERTURA

E SE AMANHÃ FOR TARDE DEMAIS?!...

A questão das diferenças, do eu e do outro, constitui-se como um problema social ao qual não podemos, nem devemos, ficar indiferentes. Contudo, isso apenas se verifica porque assim tem vindo a ser construído pela cultura dominante. Por esta razão, os valores e ideias diferentes dos nossos não nos parecem “naturais” e geram desconforto, são difíceis de aceitar...

Então, qual o papel da Escola na construção de práticas interculturais que permitam a diversidade cultural e na preparação das crianças e jovens capazes de responder aos desafios de uma sociedade multicultural na qual vivemos e convivemos?

Porque é na Escola que os jovens passam a maior parte do seu dia, é na Escola que reside a responsabilidade de fazer a diferença.

Assim, deve a Escola educar para a multiculturalidade, abordando as questões da justiça social, com a procura da igualdade e o combate à discriminação.

A Escola tem o dever de promover o diálogo e a comunicação aceitando o eu e o outro, nas suas diferenças.

A Escola deve ser povoada de professores que promovam o debate e a construção de cidadãos interculturais que se respeitem e que façam das diferenças oportunidades para crescer, para aprender, para evoluir.

A Escola deve educar para a não violência e para o respeito pelos Direitos Humanos!

Deve a Escola educar para a solidariedade?

Deve a Escola ser PLURAL Como o UNIVERSO?

O futuro é incerto, mas constrói-se passo a passo e determina-se com as atitudes que cada um de nós assume no presente.

Amanhã pode ser tarde demais!

Isabel Alves  
(Diretora do Agrupamento de Escolas Nº 2 - Abrantes)

## Ficha técnica

### SÊ PLURAL

Ano II. nº 1.  
Inverno 2022/23

Publicação sazonal

#### **Direção e propriedade:**

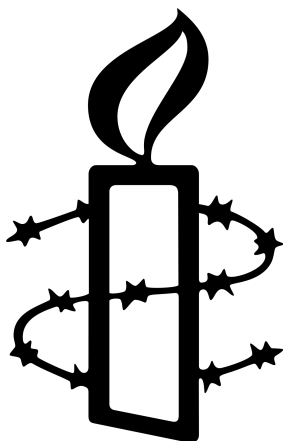
Clube  
“Sê Plural Como o Universo”  
Agrupamento Escolas Nº2 de  
Abrantes

#### **Colaboraram neste número:**

Elementos do “Sê Plural  
Como o Universo”  
(Andreia Trincheiras; António  
Morgado; Carlos Sousa;  
Madalena Dias; Maria Beatriz  
Marques; Maria Silva;  
Marta Baptista; Rita Palácio),  
Claudemiro Cadete,  
Isabel Alves, José Gaspar,  
Lívia Grossinho, Manuel  
Raposeiro, Ruth Klötzel.

# ORGANIZAÇÕES QUE TORNAM O MUNDO MAIS HUMANO

## AMNISTIA INTERNACIONAL



A Amnistia Internacional é um movimento global de mais de 7 milhões de pessoas em mais de 150 países e territórios que encara a injustiça como uma afronta pessoal. Esta organização foi fundada em 1961 por Peter Benenson e luta para que todas as pessoas do mundo possam usufruir em pleno dos Direitos Humanos. A sua missão é investigar e agir de modo a prevenir e a pôr fim a abusos de Direitos Humanos e exigir justiça para aqueles cujos direitos tenham sido violados.

De acordo com esta organização, “Quando são identificados abusos de Direitos Humanos, a Amnistia Internacional investiga os factos, expõe o que está a acontecer e reúne as pessoas para forçar os governos e outras entidades e indivíduos a respeitarem os Direitos Humanos de todas as pessoas.”.

Uma das suas ações é a Maratona de Cartas, que decorre anualmente, em que milhares de pessoas de todo o mundo assinam cartas em prol de pessoas e comunidades em risco. O objetivo é chamar atenção para estes casos, o que poderá resultar numa melhoria das condições destes indivíduos e grupos em risco.



Sabe mais em: [amnistia.pt](http://amnistia.pt)

# ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS



## Secretário-geral das Nações Unidas

António Guterres

A Organização das Nações Unidas foi fundada em 1945, após a II Guerra Mundial, e é atualmente constituída por 193 Estados-membros. A missão e o trabalho das Nações Unidas são guiados pelos propósitos e princípios contidos na sua Carta fundadora – a Carta das Nações Unidas. O objetivo da ONU é o de unir todas as nações do mundo em prol da paz e do desenvolvimento, com base nos princípios da justiça, dignidade humana e no bem-estar de todos. A ONU dá aos países a oportunidade de procurar soluções em conjunto para os desafios do mundo, preservando os interesses e a soberania nacional.



António Guterres nasceu em Lisboa a 30 de abril de 1949. Ao longo da sua carreira política em Portugal, exerceu os mais diversos cargos. Entrou para as Nações Unidas no início do século XXI, tendo sido nomeado alto comissário das Nações Unidas para os Refugiados. Ocupou este cargo durante uma década, e exerceu-o durante tempos complexos e exigentes, tendo lidado com uma das mais graves crises de refugiados das últimas décadas, com a escalada de conflitos na Síria, no Iraque e no Líbano e com múltiplas crises no continente Africano, como no Sudão do Sul e na República Centro-Africana.



Sabe mais em: [unric.org/pt/](http://unric.org/pt/)

# GREENPEACE

A história da Greenpeace começou em 1971, quando um grupo de ecologistas, jornalistas e hippies partiram do porto de Vancouver, no Canadá, rumo ao Ártico, para prestar testemunho de testes nucleares dos EUA que poriam em risco várias espécies de animais selvagens.

A Greenpeace é uma Organização Não Governamental de cariz ambiental. Tem a sua sede em Amesterdão, nos Países Baixos, e possui escritórios espalhados por mais de 50 países.



Sabe mais em: [greenpeace.org/global/](https://greenpeace.org/global/)

A Greenpeace tem três embarcações que navegam pelos quatro cantos do planeta – *Rainbow Warrior*, *Arctic Sunrise* e *Esperanza*. A história dos navios está diretamente ligada à da organização, que se lançou aos mares para combater a realização de testes nucleares e a caça ilegal de baleias.

Esta organização realiza ações não violentas, com criatividade (muitas vezes radical, e isso importa) e ativismo para denunciar as ameaças ao ambiente e pressionar empresas e governos a adotarem soluções que são essenciais para um futuro mais verde e pacífico.

# UM APRAZÍVEL SUICÍDIO EM GRUPO?

Rosalinda, se tu fores à praia  
Se tu fores ver o mar  
Cuidado não te descaia  
O teu pé de catraia  
Em óleo sujo à beira mar  
*Fausto Bordalo Dias*

Rio (1992), Kyoto (1997), Paris (2015) e mais recentemente Sharm El-Sheikh (novembro de 2022) são alguns lugares do planeta onde, no decorrer das últimas décadas, foram debatidas soluções, apontados rumos alternativos, celebrados acordos, demasiadas vezes traduzidos em desacordos, com vista a tornar a nossa casa Terra um lugar onde se possa habitar com qualidade e em segurança. O principal problema em discussão: o aquecimento global e as suas múltiplas consequências.

Sabemos que o efeito de estufa é um fenómeno natural da Terra, em parte responsável pelo equilíbrio térmico da mesma. Porém, o Homem nas suas mais diversas atividades tem alterado consideravelmente este efeito natural do nosso planeta azul. Através de emissões descontroladas e desreguladas de dióxido de carbono (principalmente), o Homem foi agudizando este fenómeno até um ponto de quase não retorno. Que o planeta está a aquecer parece já não haver grandes dúvidas, mas lidar com as suas consequências não é tarefa fácil. A que assistimos? Destruição de ecossistemas únicos, subida do nível médio das águas do mar, alterações climáticas com dimensões assustadoras (ondas de calor mais longas e mais frequentes, tornados e outras tempestades extremas, só para dar alguns exemplos),



migrações forçadas de populações humanas, submersão de territórios que são/foram habitados, entre outras. E quem mais sofre com isto? Como sempre os mais vulneráveis: os pobres dos países ricos que foram rejeitados por uma sociedade que se aborrece com eles, e os países mais pobres do planeta que não têm voz neste palco mundial, mas que têm recursos.

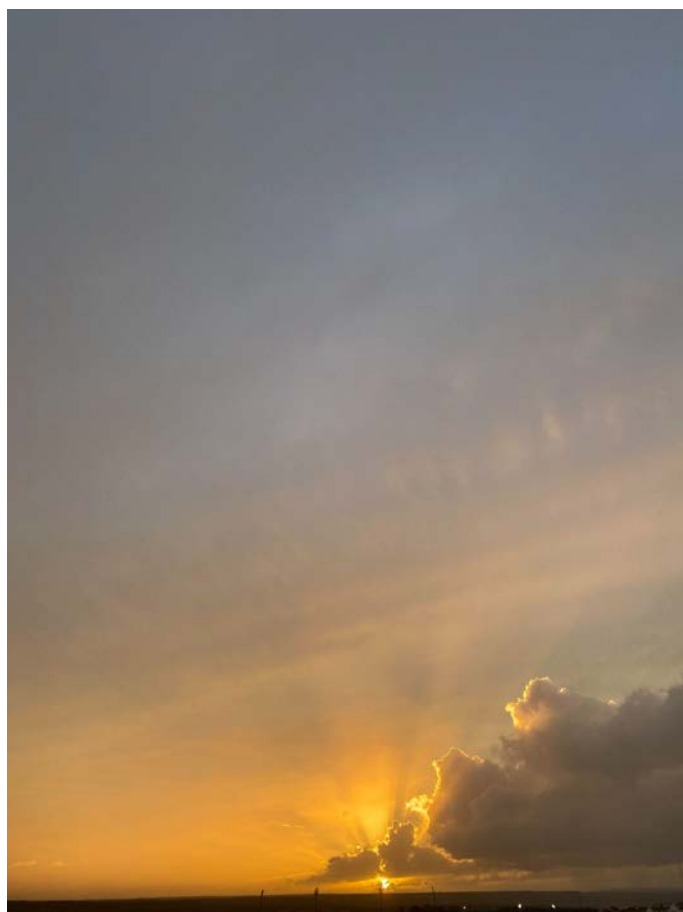
A manter-se este padrão de consumo, sobretudo nos países mais industrializados (e aos dirigentes destes é necessário fazer lembrar que não há desenvolvimento, se o mesmo não for sustentável), poder-se-á afirmar, provavelmente sem grande margem de erro, que o nosso planeta tem um prazo de validade demasiado curto. Podemos dizer mesmo que caminhamos para um suicídio coletivo que se antevê para muito breve. Ainda estaremos a tempo de salvar o planeta que herdámos dos nossos antepassados, e assim evitarmos esse medonho suicídio em grupo? Provavelmente sim, mas há muito que deveríamos ter já enveredado por outros caminhos mais sustentáveis, mais limpos.

O fóssil não tem culpa, pois que é natural; mas melhor seria deixar que ele permanecesse para sempre no seu sono eterno, lá em baixo, nos labirintos do subsolo ou, para além deste, nos espaços escuros que o aprisionam e o espantam. É aí que ele deve permanecer. O fóssil deve ter acesso a uma incondicional eternidade no domínio dos sonhos. E isso é importante. A cada um o seu espaço. E por tudo isto, e para não fazermos muito barulho em torno de algo que precisa de dormir um sono absoluto, o melhor que temos a fazer é regressar cá acima, onde o sol e o vento, onde as florestas, os rios e os mares e muitos outros elementos nos mostram sem preconceitos, mas com grande sabedoria, as suas gigantescas capacidades energéticas.

Transição energética sim, mas cuidado. Povos há que ainda não fizeram a sua grande Revolução Industrial. E se estes novos povos que aspiram, legitimamente, ao conforto político, económico e social trilharem os mesmos passos das modernas sociedades capitalistas, tudo se complicará ainda mais, e a concretização do suicídio coletivo será ainda mais rápida. Teremos nós, e quem somos nós, a responsabilidade de os ajudar? Inevitavelmente, sob pena de sermos julgados pelo desconforto que desgraçada e deliberadamente lhes causamos: impusemos-lhes religiões incompreensíveis para eles, modelos de desenvolvimento arcaicos e ineficazes, ocupámos em nome de um expansionismo atroz as suas terras, delapidámos a riqueza da sua cultura, e por fim abandonámo-los à sua sorte.

Se agora lhes voltarmos as costas seremos os mais hipócritas distraídos. Queremos com isto dizer que temos pelo menos o dever moral de não os abandonar. De, juntamente com eles, acelerarmos a transição energética de que se fala à escala planetária.

## Amanhã o futuro sorrir-nos-á, e as gerações vindouras não se envergonharão de nós.

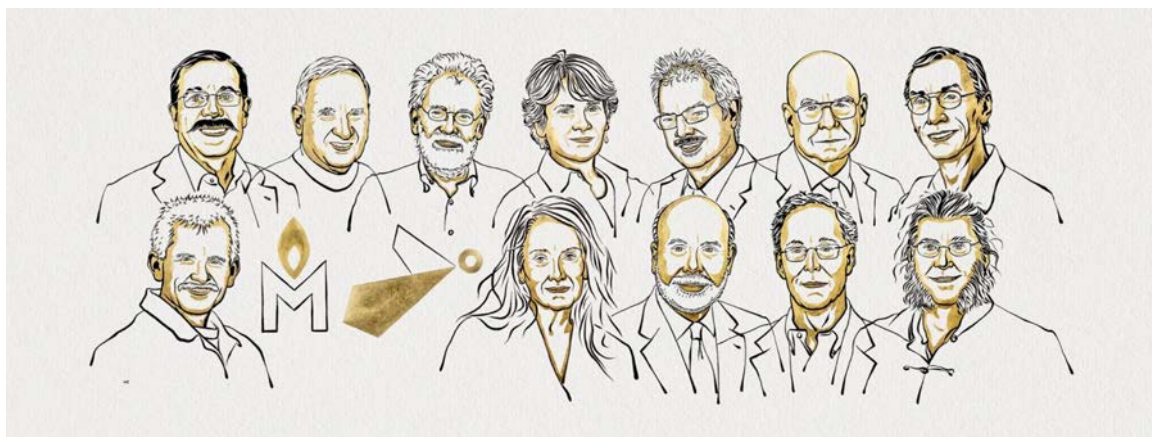


# PRÉMIO NOBEL DA PAZ - 2022



## 1. A desordem

O cinzento paira sobre a atmosfera dos campos que querem fazer nascer os grãos para saciarem a fome dos mais necessitados. Sabemos que o governo da Bielorrússia não é mais do que o portador de um fogo demasiado envenenado a mando de Putin, e daqueles que o servem; sabemos que Putin sofre de uma nostalgia miserável, doentia até; sabemos, todos sabemos, que a autodeterminação de um povo é a enorme razão da sua existência. Então por que razão somos forçados a assistir a uma desordem que já não pertence ao presente, nem ao futuro? Tamanha teimosia de certas partes deixa-nos estupefactos. Quantos bielorrussos não foram forçados, nestes tempos mais recentes, a abandonar o seu país? E quantos irmãos russos, tais como nós amantes da liberdade, não se aproximaram de fronteiras externas para fugirem a um estranho decreto/lei/imposição que inevitavelmente os poderia conduzir para uma morte prematura?



E nós, os Plurais, estamos com eles; com esses maravilhosos fugitivos; e quando o cinzento abandonar a atmosfera dos campos que querem fazer crescer o seu grão, regressaremos com eles, à pátria que todos eles certamente querem, como garante de novos portadores de um fogo digno; tal como fez Prometeu, que a uns certos deuses roubou o fogo para o distribuir pelo povo indigente, e, assim, mitigar a sua tristeza.

## 2. A pessoa e as organizações

O Prémio Nobel da Paz (2022) foi atribuído ao ativista bielorrusso Ales Bialiatski e a duas Organizações Não Governamentais de defesa de Direitos Humanos: Memorial (Rússia) e Centro para as Liberdades Civis (Ucrânia). Paradoxalmente – ou não – a atribuição deste prémio ocorre em pleno estado de desordem naquela região do globo, decorrente da invasão russa, ou melhor, de uma declaração clara de guerra, ao território ucraniano. A operação especial militar, tal como o Kremlin a designa, não passa de uma farsa.

### Ales Bialiatski



Ales foi provavelmente a última pessoa a conhecer a notícia.

No dia sete de outubro de 2022, o Prémio Nobel da Paz foi atribuído a este bielorrusso, juntamente com mais duas ONGs: Memorial (Rússia) e Centro para as Liberdades Civis (Ucrânia).

Ales Bialiatski está preso desde julho de 2021.

A sua prisão ocorreu durante uma incursão pelas forças de segurança bielorrussas a vários escritórios da organização dos Direitos Humanos *Viasna* (primavera), da qual ele é fundador.

Desde então aguarda julgamento em prisão preventiva, privado de visitas dos seus familiares e amigos.

Ele é um dos 1348 prisioneiros políticos do regime de Minsk.

# Memorial

Ao longo de várias décadas, a Memorial instigou de forma sistemática o Kremlin e encorajou-o a agir, ganhando grandes inimizades e sendo alvo de graves retaliações.

Maria Barradas escreve no canal de notícias Euronews que “Dos crimes estalinistas aos abusos na Chechénia, a organização, fundada em 1989 por dissidentes soviéticos, entre os quais Andrei Sakharov, **foi uma autoridade em investigações rigorosas.**”

Segundo os seus fundadores, a Memorial iniciou as suas atividades muito antes da sua criação oficial em 1989. O seu objetivo era nomear e homenagear os milhões de vítimas esquecidas da repressão soviética e do *Gulag* (campos de trabalhos forçados para onde eram levados todos aqueles que se opunham ao regime soviético).

Ao longo de vários anos a Memorial não deixou de gritar bem alto todos os crimes cometidos.

“Com a chegada de Vladimir Putin ao poder, em 2000, esta tarefa tornou-se cada vez mais difícil, pois **o Kremlin, defendendo uma interpretação histórica que exalta o poder russo, procura minimizar os crimes soviéticos**”, adianta ainda o artigo da Euronews.



Apesar do Supremo Tribunal russo ter dissolvido esta importante ONG, a advogada Maria Eismont afirma: **“É claro que nada está acabado com isto. Vamos apelar, e o Memorial continuará a viver com o povo - porque são as pessoas por detrás dela que servem esta grande causa em primeiro lugar e acima de tudo. O trabalho vai continuar”.**



## Center for Civil Liberties

O Centro de Liberdades Civas surgiu em Kiev, em 2007, e tem como principal missão fazer avançar o cumprimento dos Direitos Humanos e fortalecer a democracia na Ucrânia.

Esta organização é liderada pela advogada ucraniana Oleksandra Matviichuk.

Este prémio agora atribuído foi o primeiro concedido a um cidadão ou organização ucraniana.

Para além de outras atividades, também iniciou campanhas internacionais para a libertação de pessoas presas ilegalmente na Rússia, na Crimeia (anexada pela Rússia) e na República separtatista do Donbas.

### 3. Epílogo, ou a esperança de que a atmosfera cinzenta se levante

Estávamos preocupados com as recentes eleições na Itália. A extrema direita ganhou, e quando a extrema direita ganha, num país tão majestoso como a Itália, ficamos preocupados. Mas, no dia 25 de outubro de 2022, Giorgia Meloni (atual primeira-ministra da Itália) tranquilizou-nos, ao declarar não simpatizar com regimes não-democráticos, nem com a lógica belicista de Putin. Estaremos no caminho certo para a paz? Acreditamos nisso. Por isso fez todo o sentido atribuir o Nobel da Paz a todos estes corações, que são distúrbios irritantes para a desordem e névoas instaladas. Naturalmente que não falamos dos nevoeiros que nos deslumbram, das névoas que nos tranquilizam, dos ramos das árvores que se espreguiçam em direção aos mais maravilhosos reservatórios de água, mas do terror de uma tóxica nuvem que parece ameaçar as liberdades que amamos. O *Nobel Prize* atribuído a estas gentes que lutam pela liberdade, não foi simplesmente justo; foi inteligente. Foi música sábia.



# JUVENTUDE AMIGA – UM DESAFIO HUMANO



Quando, há 15 anos atrás, a Juventude Amiga foi criada pelos 18 alunos do então 12°C, na Escola Dr. Manuel Fernandes, ninguém conseguiria imaginar que, o que nasceu de uma simples ideia para uma Área de Projeto, conseguisse “sobreviver” tanto tempo e com o principal objetivo dos seus fundadores sempre presente – ajudar o próximo, quando necessitado!

Se pensarmos nos Direitos Humanos da Carta da ONU poderá não ser fácil relacionar esse objetivo especificamente com um dos Direitos – mas a Juventude Amiga revê-se na Carta quando a mesma refere “que todos os seres humanos...devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade” (artigo 1º) – para os alunos da nossa escola sempre que foi necessário conseguimos doar roupas, alimentos, medicamentos e artigos de higiene entre outros bens materiais de primeira necessidade, assim como permitimos que acessem a serviços sobretudo na área da saúde, da educação, transportes, entre outros. Associámo-nos a causas internacionais, como foi a ajuda ao povo haitiano após as várias catástrofes que os atingiram, a abertura de um poço em Moçambique e o apadrinhamento de crianças em Cabo Verde a nível de bens educativos e, sempre que fomos solicitados, conseguimos ajudar exteriormente pessoas ou causas solidárias.

A nossa fraternidade é pequena tal como nós, mas é sempre positiva e funcional. Quando a Carta refere que “toda a pessoa tem Direito à segurança social” (artigo 22º), a nossa associação não consegue preencher na totalidade esse Direito básico ao doar bens e serviços, mas tenta minimizar os prejuízos sempre que, nas famílias dos nossos alunos necessitados, ocorrem situações graves de disrupção e as necessidades físicas aparecem quando menos se espera, com divórcios, ausências trágicas ou desemprego.

Como seria bom que conseguíssemos “dar a cana e ensinar a pescar” em vez de só “darmos o peixe”. Esses bens são, no entanto, muito importantes nesses momentos críticos e acabam por ajudar a combater o “incêndio”.

Também neste sentido o artigo 25º refere que “toda a pessoa tem Direito a um nível de vida suficiente para lhe assegurar e à sua família a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica...”.

E nós tentamos com, por exemplo, mobiliário, tratamentos dentários, óculos e alimentos aconchegar melhor as famílias com o nosso “peixe”.

O artigo 26º fala no Direito à educação e a Juventude Amiga tenta inculcar nos nossos alunos e voluntários esse Direito essencial – e é aqui que os professores que integram o projeto “tentam dar a cana e ensinar a pescar” – há 15 anos, a Juventude Amiga foi criada por alunos, é verdade, e foram eles os elementos mais importantes para nascer esta associação, mas houve sempre professores a incentivá-los e a orientá-los para a causa necessária da fraternidade e da ajuda ao próximo – e sempre com o intuito de lhes mostrar que, infelizmente, neste mundo é imprescindível que existam voluntários e associações beneméritas que são fundamentais na área da solidariedade. Por último, há que salientar ainda a Carta quando refere que “toda a pessoa tem Direito à liberdade de reunião e de associação pacíficas” (artigo 20º) – e a Juventude Amiga, Associação de Voluntariado, “tenta formar” os seus voluntários, que promovem campanhas de angariação de bens, fazem voluntariado em escolas e lares, movimentam a escola e a comunidade local para causas urgentes, para que num futuro próximo integrem projetos de maior envergadura e possam “ensinar a pescar”; tendo sempre como suporte técnico e essencial os seus sócios, não esquecendo as ajudas económicas de algumas empresas privadas da região e até de organismos públicos nalgumas das nossas atividades solidárias mas, sempre, mantendo o devido distanciamento político.

Somos um projeto escolar e local que, por vezes, se aventura mais além, somos uma pequena associação, cujos sócios reúnem fazendo cumprir os seus estatutos legais e, sobretudo, temos um DESAFIO HUMANO sempre presente – o de ajudar o próximo!

Abrantes, 9 de maio 2022

Claudemiro Cadete, responsável pela  
Juventude Amiga



Mão  
Óleo sobre tela

# O DEVER DE DILIGÊNCIA DAS EMPRESAS E A RESPONSABILIDADE EMPRESARIAL

Vivemos num mundo interligado, com estruturas económicas globalizadas, no qual muitas empresas deslocalizaram as suas etapas de produção para países estrangeiros, criando assim cadeias complexas de abastecimento e de valor. Muitos produtos percorrem imensos quilómetros até chegarem às nossas lojas. A globalização certamente traz muitos benefícios e oportunidades para as empresas, para os trabalhadores e consumidores. No entanto, ela também lança muitos desafios para a proteção dos Direitos Humanos e do ambiente.

Na extração de matérias-primas ou no fabrico de produtos assiste-se a inúmeros efeitos negativos a nível de Direitos Humanos ao longo da cadeia de valor, por exemplo condições de trabalho precárias e inadequadas (como o não pagamento de salários de subsistência ou a exposição dos trabalhadores a substâncias nocivas), o trabalho infantil, o trabalho forçado. Num contexto de indícios crescentes de violação dos Direitos Humanos e de degradação ambiental, surge o dever de diligência das empresas. O dever de diligência é, essencialmente, um mecanismo preventivo através do qual as empresas tomam medidas para identificar e avaliar os impactos negativos das suas atividades sobre o ambiente e a sociedade, incluindo o desenvolvimento e a adoção de processos para os evitar, atenuar e resolver.

O dever de diligência foi introduzido no sistema internacional de Direitos Humanos através dos Princípios Orientadores das Nações Unidas (ONU) sobre Empresas e Direitos Humanos. Estes Princípios Orientadores foram o resultado dos trabalhos de John Ruggie, que foi representante especial da ONU, e foram aprovados unanimemente pelo Conselho de Direitos Humanos da ONU em 2011. O objetivo consiste em contribuir de forma pragmática para colmatar as lacunas existentes na proteção dos Direitos Humanos na economia global, e em sensibilizar as empresas no que diz respeito ao seu dever de diligência em matéria de Direitos Humanos.

Contudo, os Princípios Orientadores não são diretrizes ou normas (diretamente) vinculativas. Estes fazem parte do chamado *soft law*, um instrumento frequentemente usado no direito internacional, que se caracteriza principalmente por definir



compromissos voluntários, incentivos e normas sociais gerais, não impondo sanções “duras” por incumprimento. O caráter voluntário deste e de outros instrumentos internacionais que abordam o dever de diligência podem prejudicar a sua eficácia e o seu efeito. Geralmente estes não são capazes de proporcionar às vítimas de violações de Direitos Humanos o acesso devido à justiça.

A fim de criar um maior incentivo para que as empresas implementem ativamente o dever de diligência, é fundamental a existência de um quadro jurídico vinculativo, que especifique obrigações concretas para as mesmas e que estipule sanções claras no caso de incumprimento. Diferentes países têm adotado legislação nacional em matéria de dever de diligência, impondo às empresas um conjunto de obrigações. A França com a sua *Loi relative au devoir de vigilance* (2017) e a Alemanha com a *Sorgfaltspflichtengesetz* (2021) são dois exemplos nesse sentido.

Um passo decisivo a nível internacional, e de acolher com entusiasmo, foi sem dúvida a adoção da Proposta de Diretiva do Parlamento Europeu relativa ao dever de diligência das empresas em matéria de sustentabilidade pela Comissão Europeia a 23 de fevereiro de 2022. Esta procura harmonizar à escala europeia um conjunto de instrumentos normativos e garantir um modelo de conduta empresarial responsável, o qual se alarga ao mercado global por não se limitar ao âmbito das próprias empresas e suas filiais, mas incluir

também as cadeias de valor, ou seja, as relações comerciais com outras entidades.

Trata-se de uma Proposta de Diretiva inovativa, que procura incutir o respeito pelos Direitos Humanos e pelo ambiente, assegurando a responsabilização das empresas que atuem de forma não sustentável e facilitando às vítimas o acesso aos tribunais para o ressarcimento de danos sofridos. Cabe agora aguardar a conclusão deste processo legislativo.

Estes novos quadros jurídicos, que vão para além dos paradigmas de cumprimento voluntário, têm sido o resultado de uma evolução económica, social e política no sentido da sustentabilidade, uma evolução que deve continuar a ser promovida a todos os níveis.

Stuttgart, 2 de novembro de 2022

Ruth Klötzel (Jurista e antiga aluna da escola Dr. Manuel Fernandes)



# DOSSIER CATAR



N. do E.

Todos os artigos contemplados no *Dossier Catar* foram redigidos antes e durante a realização do Mundial de Futebol de 2022 no Catar. Contudo, como os Direitos Humanos não são efêmeros, o Clube considerou que a sua inserção continuaria a ser pertinente e adequada.



# E TU, O QUE TENS FEITO PELOS DIREITOS HUMANOS?

## Fake news ou Mundial do Catar, o importante é agir

Quando, a 20 de janeiro de 1961, John F. Kennedy tomou posse como 35º Presidente dos Estados Unidos da América, atirou a frase “Não perguntem o que é que o vosso país pode fazer por vocês, perguntem o que é que vocês podem fazer pelo vosso país”. Ao longo de mais de 60 anos, esta tirada célebre tem sido repetida até à exaustão, por vezes abusivamente, em múltiplas situações. Quem está do lado da defesa dos Direitos Humanos (DH), no mundo ocidental com regimes constitucionais e democráticos consolidados, pode e deve, quando é certo que desenvolvimento tecnológico não se traduz necessariamente em progresso neste domínio, perguntar-se qual pode ser o seu papel para a salvaguarda de direitos e liberdades básicas fundamentais. O ponto 1 do artigo 29º da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) estabelece que “O indivíduo tem deveres para com a comunidade, fora da qual não é possível o livre e pleno desenvolvimento da sua personalidade”.

O clube *Sê Plural Como o Universo*, editor desta revista, definiu, no ano letivo de 2015/16, uma Carta de Deveres Humanos, que pode ser consultada em [www.esmf.pt](http://www.esmf.pt). Subjacente a tudo isto está a ideia de que somos seres com direitos, mas que o seu usufruto implica a assunção de responsabilidades sociais a eles inerentes.

Ou seja, se existem direitos, firmados em documentos tutelares ou que assumem a forma de letra de lei, os mesmos obrigam-nos a comportamentos responsáveis, porquanto estamos perante direitos nossos, mas também dos outros.

Tudo devemos fazer para que seja possível materializar os DH no quotidiano e isso acarreta deveres e ações, traduzíveis em gestos simples, de que não podemos eximir-nos.

Não basta evocar os DH em datas comemorativas ou enternecer-nos com a temática em filmes, livros ou publicações nas redes sociais. Vamos, a seguir, referir-nos a duas realidades atuais em que a ação individual, muitas vezes multiplicada, pode ajudar a fazer a diferença.

As *fake news*, ou notícias falsas, são um flagelo do século XXI. Elas atentam contra os DH, na medida em que fazem circular informações deturpadas, as quais induzem em erro, determinam as decisões que se tomam a cada momento e, a prazo, põem à deriva o devir histórico, encaminhando-o num sentido diferente daquele que ganharia expressão se prevalecessem informações verdadeiras.

Tomadas de decisão com base em informações erróneas podem originar processos desastrosos, percebemo-lo pela forma como vieram a público determinadas *fake news* na conjuntura de pandemia de Covid-19 ou no condicionamento e, eventualmente, deturpação de resultados em processos eleitorais recentes.

O alarmismo, a não fundamentação ou a manipulação, acicatados pela forma de propagação da informação nas redes sociais e pela incapacidade de a filtrar geram ruído, erro e desinformação. Em alguns casos motivadas por razões banais, sem má intenção, noutras casos fabricadas intencionalmente, as *fake news* põem em causa a contemporaneidade, viram o mundo do avesso e, de múltiplas formas, comprometem os DH. Estudos recentes indicam que as *fake news* se propagam com uma velocidade 70% superior à informação verdadeira. Existe, todavia, um conjunto de recomendações e regras que, se pusermos em prática, contribuirão para que as notícias verdadeiras não percam terreno face à informação falsa. Há que ser crítico relativamente à informação que nos chega; é fundamental que se saiba distinguir opinião de verdade dos factos; não podemos deixar-nos levar por medos, convicções e aspirações; há que averiguar a fonte da informação; não devemos ficar-nos pela leitura dos títulos, sugerindo-se sempre o acesso aos links nas redes sociais, nunca partilhando conteúdos antes de os lermos;

é determinante que se faça uma pesquisa em múltiplas plataformas, preferencialmente nas mais conceituadas e reconhecidas, procurando também plataformas de averiguação de notícias e *fact-check*; também pode ser boa estratégia falar com entendidos dentro de um determinado assunto, para nos certificarmos da veracidade ou não dos conteúdos.

Estamos diante de práticas simples e ao alcance de todos. Um mundo onde prevaleça o rigor informativo será, com toda a certeza, um espaço que salvaguardará muito melhor direitos e liberdades básicas fundamentais. Mudemos de temática. Em termos desportivos, o ano de 2022 é marcado pela realização do Mundial de Futebol no Catar, nos meses de novembro e dezembro. Para além de ser um torneio com características inusitadas face àquilo que é a tradição da competição – realização no mês de junho, em países com forte entusiasmo em torno da modalidade –, a opção da FIFA pelo pequeno país do Golfo Pérsico suscitou desde cedo reações negativas. A escolha do país árabe para concretização do Mundial ter-se-á ficado a dever mais a vantagens económicas do que desportivas. Entretanto, ao longo dos últimos anos, várias organizações de defesa dos DH têm denunciado violações sistemáticas nas condições dos migrantes que chegam ao Catar para a construção civil ou para outros serviços, como o trabalho doméstico.

Sob o chamado sistema Kafala, os trabalhadores ficam dependentes de um “patrocinador”, o que implica, por exemplo, não terem autonomia para mudar de emprego ou deixar o país. Estas situações já vinham do passado, mas acentuaram-se com a gigantesca operação de preparação do Mundial.

Num país com 2,8 milhões de habitantes, dos quais apenas pouco mais de 10% têm cidadania catari e os privilégios inerentes, a esmagadora maioria da população é composta por estrangeiros, entre eles milhares de pessoas que chegaram para trabalhar na construção dos estádios – que só por si mobilizaram 30 mil trabalhadores, segundo a organização – ou em obras como as de um novo aeroporto, hotéis, estradas e outras infraestruturas. Em fevereiro de 2021, o jornal Guardian estimou, com base em dados recolhidos junto dos governos da Índia, Bangladesh, Nepal, Sri Lanka e Paquistão, os países com mais emigrantes no Catar, que teriam ocorrido pelo menos 6500 mortes de trabalhadores em dez anos, desde que o país ganhou a organização do Mundial, em dezembro de 2010. Perante a realidade descrita, em que para concretizar um evento desportivo como o Mundial de futebol são postos em causa os DH com tamanha gravidade, cabe-nos a nós, com as “armas” que temos, mostrar que não aceitamos que as coisas funcionem desta maneira. Como fazê-lo?

Se uma das principais fontes de financiamento do Mundial são as transmissões televisivas, não assistir aos jogos deve ser a nossa tomada de posição.

José Martinho Gaspar

Professor de História do Agrupamento de Escolas N° 2 de Abrantes, em mobilidade na Escola Secundária de Peniche.



# Catar: a construção dos estádios e os Direitos Humanos

Todos nós, enquanto seres humanos, vivemos num espaço (lugar), e vivemos o tempo (nosso tempo), e ao mesmo tempo fazemos também parte de um tempo maior (história) e um espaço maior (mundo). O tempo sempre procurámos dividir cronologicamente, captar e aprisionar e também entender. O lugar faz-nos viver de forma diferente pelas diferentes culturas e tradições. Essas diferenças também sempre tentamos entender. Esta dupla condição de cada um nós enquanto existentes num lugar particular, e fazendo parte de tempo e de um lugar maior, todo o tempo e o mundo são a nossa marca, e podemos mesmo dizer uma primeira marca. A forma como vivemos tem muito a ver com o nosso lugar próximo ou um pouco mais alargado: cidade, região, país. Pelo menos até há pouco tempo pertencíamos todos a um lugar e a uma forma de viver o tempo; hoje, talvez seja um pouco diferente. Porque se continuamos a viver o tempo e o lugar de forma diferente, o que nos afasta, então podemos perguntar o que nos pode aproximar? O que nos pode juntar enquanto seres humanos, o que nos pode marcar enquanto pertencentes a uma mesma espécie humana dita inteligente, o que é a nossa marca comum, para além do ADN?



Ao longo do tempo e da história o ser Homem sempre tentou dividir o próprio tempo em dia e noite, semanas e meses, anos, décadas, séculos, e ao mesmo tempo catalogá-lo com base em acontecimentos significativos para si próprio. E hoje todos nós falamos do nosso tempo como o da comunicação ou informação, e acrescentamos ainda que vivemos num mundo globalizado, ou seja, a condição lugar e o viver o tempo que nos separava não existe da forma como existiu no passado. Se a globalização e a informação permitidas pela comunicação nos ligam a todos em segundos, e pode ser entendida como fazendo hoje parte da nossa vida, será que esta pode juntar os diferentes lugares e formas de viver o tempo? Não será a comunicação uma segunda marca que podemos ou devemos acrescentar ao nosso existir?



*A Persistência da Memória, Dalí*

Hoje, os nossos lugares e formas de viver o tempo no mundo estão mais próximos que nunca, não podemos ignorar as mensagens, os acontecimentos dos diferentes lugares, a guerra na Ucrânia e o campeonato do Mundo do Catar. Com o nosso foco no Catar, fala-se dos Direitos Humanos e do não respeito pelo país organizador, na forma como são tratados os trabalhadores imigrantes, da escravatura laboral, das mortes, dos feridos, das deportações.

Segundo o que ouvimos e lemos em diferentes meios de comunicação social, as mortes na construção dos estádios e infraestruturas são, segundo algumas organizações 6500, outras falam em 15 000. A Declaração Universal dos Direitos do Homem nos seus artigos 3º e 4º consagra o direito à liberdade e segurança pessoal, assim como a proibição de formas de servidão ou escravatura. Nos artigos 22.º, 23.º e 24.º são consagrados os direitos à proteção, liberdade, segurança e descanso dos trabalhadores. Este lugar, e todos os lugares onde não são respeitados, não deveriam merecer também a nossa atenção?



*Memory of a Journey, Magritte*

*“Toda a pessoa humana é um fim em si mesma, e nunca um mero instrumento a ser avaliado apenas pela sua utilidade: foi criada para viver em conjunto em família, na comunidade, na sociedade, onde todos os membros são iguais em dignidade. E desta dignidade derivam os Direitos Humanos.” - Papa Francisco*

No preâmbulo da Declaração Universal dos Direitos do Homem, de 10 de dezembro de 1948, é dito que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana constitui o fundamento da liberdade, da justiça, paz no mundo, pois o seu desprezo é o caminho para a barbárie, terror e também a revolta.

Estes valores que têm sido reconhecidos ao longo do nosso tempo maior. A história em diferentes lugares e formas de viver o tempo foram reconhecidas em 1948 por vários países reunidos na Organização das Nações Unidas. Mas existem lugares e tempos vividos que não estão de acordo com a Declaração, ou tempo maior que prometeram respeitar. Tal como é referido pelo Papa Francisco, toda a pessoa é um fim e não um meio para algo, e a declaração das Nações Unidas acrescenta ainda que constituímos uma família, onde a dignidade deve ser conferida a todos, pois nascemos como pertencentes a uma mesma família: a Humanidade. Os diferentes lugares e formas de viver o tempo continuam a existir, mas o lugar dos valores comuns de humanidade, presentes em cada um e em todos tem de ser um tempo e um lugar maior, a nossa maior marca. Estes valores, ou seja, a marca que marca todas as marcas, estão expressos na Declaração Universal dos Direitos do Homem.

Como diria Sophia de Mello Breyner, o que vemos, ouvimos e lemos não podemos ignorar, e podemos ainda acrescentar o comunicar e agir quando os Direitos Humanos são violados. O seu valor e respeito têm de começar na comunicação e reconhecimento por cada um, e continuar no reconhecimento pelos lugares e seus representantes políticos; são estas e devem ser estas as marcas do nosso tempo.

Manuel Raposeiro

Professor de Filosofia no nosso Agrupamento

Abrantes 22/11/2022

# Catar vs. Direitos Humanos

No dia 18 de dezembro, deu-se por terminado o Mundial no Catar, marcado na história do futebol para sempre, devido à forma desumana com que foi organizado, às questões éticas, sociais, culturais e por ser o primeiro Mundial a realizar-se no Médio Oriente.

Foi no dia 2 de Dezembro de 2010 que o Catar foi escolhido para receber o Mundial de 2022. Passaram 12 anos e foram gastos mais de 200 mil milhões de euros, sendo o Mundial mais caro da história do futebol e o mais polémico. Houve mais de 6500 mortes na construção das infraestruturas para a realização deste evento, sendo que 70% dessas mortes foram justificadas como “causas naturais”. A Organização Internacional do Trabalho mostrou que, em 2020, pelo menos 50 trabalhadores morreram e 500 ficaram gravemente feridos. Todos estes trabalhadores eram migrantes vindos da Índia, Paquistão, Sri Lanka, Bangladesh e Nepal, cujos passaportes ou vistos lhes foram retirados. Também não podiam visitar a família e tinham de trabalhar sob um calor extremo, em condições perigosas, e muitos não recebiam o salário.

Em Agosto de 2022, dezenas de trabalhadores foram detidos por se manifestarem contra os salários em atraso. O governo do Catar tratou este assunto de forma repressiva e nem a FIFA, nem ninguém, fez nada para parar com a forma desumana com que estes trabalhadores foram tratados durante 12 anos. O Catar tem de ser responsabilizado pelas mortes destes trabalhadores.

Os Direitos Humanos são os direitos básicos de todos os seres humanos. São direitos civis e políticos, económicos, sociais, e culturais; direitos individuais e coletivos. O Catar violou vários artigos da Declaração Universal do Direitos Humanos, nomeadamente:

**Artigo 5** - Ninguém será submetido à tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano ou degradante.

**Artigo 19** - Todo o indivíduo tem direito à liberdade de opinião e expressão, o que implica o direito de não ser inquietado pelas suas opiniões e o de procurar, receber e difundir, sem consideração de fronteiras, informações e ideias por quaisquer meio de expressão.

**Artigo 23** 1. Todo a pessoa tem direito ao trabalho, à livre escolha do emprego, a condições equitativas e satisfatórias de trabalho e à proteção contra o desemprego.

2. Todos têm direito, sem discriminação alguma, a salário igual por trabalho igual.

3. Quem trabalha tem direito a uma remuneração equitativa e satisfatória, que lhe permita e à sua família uma existência conforme com a dignidade humana e completada, se possível, por todos os meios de proteção social.

**Artigo 24** - Toda a pessoa tem direito ao repouso e aos lazer e, especialmente, a uma limitação razoável da duração do trabalho e a férias periódicas pagas.

Estes foram apenas alguns dos artigos que foram violados por parte do Catar, colocando em causa a vida destes trabalhadores, as suas liberdades e direitos enquanto seres humanos. O Catar também não respeita os Direitos das Mulheres, impõe regras discriminatórias, e as Mulheres têm de ter permissão dos seus tutores masculinos (membros da família do sexo masculino) para casar, estudar fora do país, trabalhar em empregos públicos, viajar e receber cuidados de saúde reprodutiva. A criminalização do sexo fora do casamento, mesmo em caso de violação, pode ser considerada um crime, com sentença de até sete anos de prisão.

A mais polémica regra do Catar é a proibição da homossexualidade, colocando em causa os direitos dos LGBTQI+, sendo considerado crime relações sexuais entre homens maiores de 16 anos, com penas até três anos. Numa entrevista transmitida no dia 8 de Novembro de 2022, num canal de televisão alemão (ZDF), um embaixador do Mundial do Catar afirmou que a “Homossexualidade é uma doença mental”.

A FIFA proibiu a utilização da braçadeira de capitão com a frase One Love (Um Amor) e com um arco-íris; os capitães das seleções que a utilizassem seriam punidos com o cartão amarelo, ou até mesmo expulsos. Com esta medida a seleção Alemã protestou no seu primeiro jogo colocando todos a mão a tapar a boca. A Primeira Ministra do Interior estava presente e utilizava a braçadeira proibida pela FIFA.



Outro protesto feito contra esta proibição realizou-se no jogo entre a Inglaterra e o Irão, onde os jogadores da Inglaterra se ajoelharam a pedido de tratamento igual para a população LGBTQI+.



O momento mais marcante deste mundial foi sem dúvida alguma a invasão de campo de um adepto italiano no jogo de Portugal contra Uruguai, Mario Ferri, de 35 anos. Este adepto levava na sua mão uma bandeira com as cores LGBTQI+ e vestia uma t-shirt com o símbolo do Super-Homem, que tinha na frente a mensagem “Salvem a Ucrânia”, país que está em guerra devido à invasão Russa e na parte de trás dizia “Respeito pelas mulheres iranianas”, devido à morte de Mahsa Amini pelas mãos das autoridades por não ter usado corretamente o hijab, o que está a causar uma onda de manifestações pelo Irão e por todo o mundo. Mario Ferri acabou por ser retirado do campo pela polícia e, mais tarde, libertado, sendo impedido de marcar presença em mais jogos deste mundial.



Lívia Grossinho

# DOSSIER MULHER



# A CONDIÇÃO DA MULHER AFEGÃ

O Afeganistão localiza-se na Ásia Central e faz fronteira com o Paquistão, com o Irão, com o Turcomenistão, Uzbequistão, Tadjiquistão e com a China a nordeste.

O Talibã é um grupo fundamentalista islâmico sunita que surgiu a princípio como uma milícia armada durante a Guerra Civil Afegã. Foi fundado oficialmente em 1994, tendo como fundador Mohammed Omar, também conhecido como Mulá Omar. Inicialmente, os Talibã eram formados por estudantes que faziam parte das *madrassas*, escolas religiosas do Afeganistão. Esta ligação com os estudantes acabou por dar nome ao grupo, dado que “talibã”, na língua pachto, significa “estudantes”. Os membros do Talibã são extremamente conservadores e possuem uma interpretação radical da *Sharia*, lei que rege a conduta de vida dos fiéis muçulmanos. O grupo teve como objetivo principal implantar a sua interpretação radical da *Sharia* sobre a população afegã.

O governo Talibã acabou por cair em 2001, após os Estados Unidos, liderando tropas da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), invadirem o país, uma vez que o Talibã acolheu a Al-Qaeda, organização terrorista liderada por Osama bin Laden, responsável pelos atentados de 11 de setembro de 2001.

Em agosto de 2021, os Talibãs retomaram o poder em Cabul, capital do Afeganistão, após os Estados Unidos da América (EUA) e a OTAN retirarem as tropas do país.

Meses depois, o assunto já não abre noticiários, as nações retiraram as suas comitivas e não voltaram e o futuro está cada vez mais incerto – e perigoso – para quem ficou. Sobretudo, para as mulheres, principal grupo-alvo dos constantes ataques aos Direitos Humanos do grupo extremista islâmico.

Os talibãs estão a privar as mulheres afegãs dos seus direitos à saúde e educação e de trabalharem e colaborarem na economia doméstica, desde que os rebeldes tomaram o poder no Afeganistão, denuncia a Human Rights Watch (HRW). O grupo está a excluir as mulheres “da vida pública, vedando-lhes o acesso ao mundo do trabalho, à educação, cuidados de saúde, à vida política, proibindo-as de sair de casa sem um guardião masculino, de falar em público e de mostrar a pele, pelo que só podem sair à rua com uma burca”.

A chegada ao poder dos talibãs restringiu o acesso das estudantes afegãs ao ensino médio e superior, bem como modificou os currículos para os adaptar às regras islâmicas e dar um maior foco na religião.



“O futuro parece sombrio... Eu tinha muitos sonhos, queria continuar a estudar e a trabalhar. Estava a pensar em fazer o meu mestrado. No momento, [os talibãs] nem permitem que as raparigas terminem o ensino médio”, disse à HRW uma mulher que trabalhava para o anterior governo afegão. Como é que as desigualdades de género na educação podem constituir um bloqueio ao desenvolvimento pessoal das mulheres afegãs?



Esta desigualdade constitui um forte bloqueio ao desenvolvimento pessoal das mulheres afegãs, pois a exclusão da participação das raparigas no acesso à educação é, em primeiro lugar, uma discriminação negativa que impede o seu conhecimento e formação; mas também o é, em termos globais, pois representa a exclusão de mais um contributo para o progresso e desenvolvimento do país, dado que ambos os géneros têm iguais possibilidades avalizadas pelas estatísticas sobre resultados escolares e empresariais.

Muitas mulheres e raparigas afegãs estão a enfrentar o colapso dos seus direitos e sonhos, assim como riscos para a sua sobrevivência básica. Quatro dias após a tomada de Cabul pelos talibãs, os cartazes e fotografias de mulheres que ocupavam as vitrines da capital afegã foram apagados e vandalizados.

Atualmente, todas as exigências dos Talibã têm afastado as mulheres da vida pública, da educação, do emprego e da vida social. Estão assim dependentes dos membros da família de sexo masculino e por isso não têm qualquer tipo de proteção contra abusos.

As mulheres referem que com o desaparecimento da força de segurança nacional e do Ministério da Mulher, agora vivem mais inseguras, e algumas até sentem medo, ansiedade, desesperança, insónia e um profundo sentimento de perda.

Samira Hamidi, investigadora afegã que reside em Colombo, no Sri Lanka, falou com a Amnistia Internacional Portugal e admitiu que o seu coração está na terra natal. “Ainda acho que vou acordar e isto é tudo um pesadelo”, disse, porque apesar de temerem que este dia chegasse, desde que se iniciou o processo de paz em 2010, ninguém estava preparado para que fosse tudo tão rápido e fácil. A voz e o riso das mulheres não podiam ser ouvidos em público; não podiam aparecer em revistas ou livros, muito menos na rádio ou na televisão. Estavam também proibidas de praticar desporto, entre outras sanções. Ainda que não tenham sido impostas todas estas medidas de novo, a verdade é que têm sido dados passos lentos nessa direção.



Em meados de novembro, o Ministério da Promoção da Virtude e Prevenção do Vício apelou às estações de televisão afegãs para que deixem de transmitir séries e novelas com a participação de mulheres. A partir de 15 de agosto, a vida mudou e fugir tornou-se a única saída para sobreviver – e também para lutar. “Se eu estivesse no Afeganistão, não seria fácil movimentar-me. E a maioria das mulheres estão escondidas, as ativistas que tinham voz e um papel ativo na sociedade tiveram de desaparecer do radar”.

Atualmente, grande parte da população não tem acesso a alimentos, água, moradia e assistência médica desde a ascensão dos talibãs ao poder, o que levou à suspensão de fundos internacionais, ao aumento dos preços, à crise de liquidez e à falta de dinheiro. Por outro lado, sem emprego, muitas mulheres ficaram sem forma de se sustentarem ou ajudar os agregados familiares e a pobreza é uma realidade cada vez mais visível. Apenas as mulheres que trabalhavam na educação primária ou na saúde ainda podem trabalhar, e a maioria não receberam os seus salários devido à crise financeira. Esta situação tem consequências graves.

“O meu país está a atravessar uma crise humanitária muito séria”, alerta Samira. A população feminina não está a conseguir fazer frente ao aumento dos preços de alimentos básicos, transporte e livros escolares, pois a maioria perdeu a sua principal fonte de rendimento depois de os talibãs restringirem o acesso das mulheres ao trabalho.

Abdallah al Dardari, chefe do Programa de Desenvolvimento da ONU no Afeganistão, afirma que o Afeganistão perdeu 5 milhares de milhões de dólares (ou um quarto do seu PIB) devido à queda acentuada em fundos de auxílio vindos do exterior, depois de o Talibã ter assumido o poder. Dardari acrescentou que o país ficou com 12 anos de desenvolvimento económico “completamente destruídos”.



O representante do Programa de Desenvolvimento da ONU no Afeganistão disse que o principal impacto da perda foi a participação das mulheres no mercado de trabalho, que caiu em quase 28%. Observando que a produtividade laboral das mulheres no Afeganistão é mais alta que a dos homens, com o mesmo nível de instrução, Dardari afirma que a perda de mulheres no mercado de trabalho é “muito prejudicial” à produtividade de médio e longo prazo e, conseqüentemente, às chances de recuperação económica.

Samira acredita que o discurso tende a agravar-se e vive-se um clima de ódio. “A luta pelos direitos das mulheres está no país há décadas, antes da chegada das forças ocidentais. Os Estados Unidos não nos deram a nossa liberdade, não nos deram direitos. Os nossos direitos já estavam lá, temos de deixar isso claro”, vincula a investigadora.



Essa batalha intensifica-se agora, com uma geração diferente, mais informada e preparada. “Estas pessoas são educadas, economicamente independentes, são elas que ajudam as famílias, não estamos em 1996. Tirar-lhes tudo de uma vez e dizer-lhes para ficar em casa simplesmente não vai funcionar, [...]”.

“Por outro lado, as mais velhas uns anos estão na rua e falam para o mundo, desafiam os homens, mesmo sabendo que podem ser agredidas ou atacadas, ou pior, os talibãs ameaçam ir atrás das suas famílias.



*Amendoeira em Flor, Van Gogh*

Soube de casos em que dizem a estas ativistas que lhes levam o pai ou o irmão. Todos os dias, têm medo do que pode acontecer”, diz. Mas não desistem. “Vai durar ainda algum tempo para as mulheres que fugiram se organizem, para surgirem mais movimentos, mas acredito que ainda vamos ver mais ativistas por todo o mundo, mulheres afegãs - e não só - que falam a uma só voz contra esta repressão.”

No entanto, para haver controlo sobre a ação do atual Governo, não dependerá só da ação da comunidade feminina, tanto Samira como as restantes companheiras de luta admitem. “Nós somos um país economicamente dependente, precisamos do apoio financeiro a longo prazo da comunidade internacional - que inclui os Estados Unidos – não sobrevivemos sem isso”.

Por conseguinte, foi realizada uma conferência internacional de doadores, em março pela ONU, de forma virtual, que terminou com promessas de doações de 2,4 milhares de milhões de dólares em ajuda humanitária ao Afeganistão. O montante, prometido por 41 países, ficou aquém do esperado e representa 55% da meta da ONU, de 4,4 milhares de milhões de dólares.

De acordo com Guterres, a já terrível situação humanitária no Afeganistão deteriorou-se de forma alarmante nos últimos meses e intensificou-se ainda mais com a guerra na Ucrânia, que fez os preços globais dos alimentos subirem "vertiginosamente". "Isso significa uma catástrofe tanto para os afegãos que lutam para alimentar as suas famílias, quanto para as nossas operações de ajuda. Sem ação imediata, enfrentamos uma crise de fome e desnutrição no Afeganistão", disse o secretário-geral.





Outro fator que agrava a situação no país da Ásia Central é que muitos programas de ajuda internacional foram interrompidos após a volta do Talibã ao poder, em agosto do ano passado. A resposta insuficiente da comunidade internacional à crise humanitária afegã, no entanto, não é novidade neste momento de turbulência devido à guerra na Ucrânia e ao seu impacto na economia global.



Capa da revista *National Geographic* de 1985

As políticas dos talibãs rapidamente transformaram muitas mulheres e raparigas em prisioneiras virtuais nas suas casas, privando o país de um dos seus recursos mais preciosos, as habilidades e talentos da metade feminina da população. Em pleno século XXI assistimos a uma realidade assustadora e que não podemos interpretar como sendo distante da nossa própria realidade.



**É nosso dever manter a preocupação com a situação destas mulheres mesmo se deixar de ser notícia de destaque nos jornais e televisões. Trata-se de uma crise humanitária, não podemos e não devemos permanecer em silêncio.**

Maria Beatriz Marques

# Uma notícia difícil de entender e uma sugestão de um filme antes de vos falarmos da realidade iraniana

## A) A NOTÍCIA DIFÍCIL DE ENTENDER

Porque não há palavras para enquadrar a realidade que lemos, resta-nos citar uma estranha notícia avançada no dia 24 de novembro de 2022 pelo jornal Público.

«A fome não para de aumentar no Afeganistão desde a chegada dos Talibã ao poder. Vendem-se filhas, vendem-se órgãos e medicam-se os filhos para os ajudar a dormir.

Alprazolam, escitalopram, sertralina não são nomes de marcas de comida para bebé. O primeiro é um ansiolítico adequado para neuroses de ansiedade, depressão e perturbações relacionadas com o pânico, indicado apenas quando a doença é grave e incapacitante. Os outros dois são antidepressivos, receitados para tratar episódios de depressão, perturbações de pânico, ansiedade social, perturbação obsessivo-compulsiva e *stress* pós-traumático.

A BBC foi a Herat, no oeste do Afeganistão, e descobriu que há pais a darem estes medicamentos aos seus filhos pequenos e esfomeados para conseguir que eles durmam.

“Os nossos filhos choram sem parar e não dormem. Nós não temos comida”, contou aos jornalistas da emissora britânica Abdul Wahad, que vive nos arredores de Herat. “Então, vamos à farmácia e compramos comprimidos e damo-los aos nossos filhos para que fiquem sonolentos.» Hoje, à data em que esta revista chega aos escaparates da escola, questionamo-nos acerca deste retrato infernal. Terão as coisas mudado? Oxalá que sim, mas o nosso ceticismo não nos deixa descansar.

## B) A SUGESTÃO DE UM FILME: SHIRIN, DE ABBAS KIAROSTAMI

O filme *Shirin*, de Abbas Kiarostami, é mais uma pérola deste extraordinário realizador iraniano. A sua obra, marcada pela persistente e educada perseguição pela beleza, não pode deixar o espectador indiferente para a realidade que ele nos convoca.

Shirin não é um filme para criaturas que têm pressa, ou que falam demasiado, uma vez que ele, o filme, não tem pressa, pode irritar os mais impacientes, e deslumbrar quem procura nas coisas mais simples grandes esperanças.



No que diz respeito ao argumento apenas temos para vos oferecer a página que se segue, o que na nossa opinião já é demasiado. Mas nós, os Plurais, somos demasiadamente generosos. Por isso vos damos pistas.

Depois apenas temos para vos dizer algo muito simples: investiguem, investiguem e investiguem. A investigação não é um problema para o espírito; para a preguiça é uma séria ameaça.



A beleza da mulher iraniana é algo que a Humanidade deve ter orgulho em preservar. Então, porque é humilhada, denegrada e desrespeitada pelas autoridades do seu próprio país? Por ignorância dos dirigentes políticos, por uma interpretação misteriosa e incompreensível de um livro religioso?...

# MORTE NA PÉRSIA

## a) A Pérsia

Os contos de *As Mil e Uma Noites* transportam-nos para esta região que outrora foi um oásis brilhante que florescia no coração do Médio Oriente. Embora muitos deles tivessem sido contados na antiga Mesopotâmia, não podemos esquecer que a Pérsia estava ali ao lado, e que dos seus vizinhos podem ter recebido inspirações extraordinárias. A Pérsia nunca foi alheia ao propósito dos grandes indiferentes e aos grandes aventureiros. Annemarie Schwarzenbach conduziu o seu veículo moderníssimo de Zurique a Teerão, algures nas primeiras décadas do século XX e, Ricardo Reis, em Portugal, brincava com estas magníficas peças de xadrez:

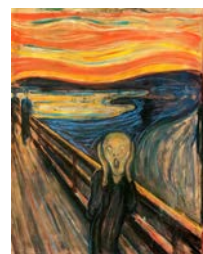
*Ouvi contar que outrora, quando a Pérsia  
Tinha não sei qual guerra,  
Quando a invasão ardia na Cidade  
E as mulheres gritavam,  
Dois jogadores de xadrez jogavam  
O seu jogo contínuo.  
À sombra de ampla árvore fitavam  
O tabuleiro antigo,  
E, ao lado de cada um, esperando os seus  
Momentos mais folgados,  
Quando havia movido a pedra, e agora  
Esperava o adversário,  
Um púcaro com vinho refrescava  
Sobriamente a sua sede.*

Ricardo Reis

## b) Breve caracterização política do Irão atual

A treva instalou-se. O homem e a religião são os grandes instigadores de uma realidade que preferimos ignorar. À mulher está reservada uma condição absolutamente incompreensível; uma subjugação atroz. Eles, os homens, ditam as leis e os castigos. Tal vulgaridade é uma mancha horrenda na modernidade da atualidade que atravessamos.

Todas as igualdades são possíveis, bem como todas as liberdades. Se Mahsa Amini não colocou o véu tal como a ordem dos homens assim o decidiu, teve que morrer? Qualquer outra razão que justificasse a sua morte, imposta até pelo mais teatral tribunal da grande moralidade é, no mínimo, contestável, condenável até. As estranhas ditaduras continuam a florescer na abjeção. E essa florescência irrita o pessoal Plural.



O grito, Edvard Munch

## c) Uma certa voz: um grito

النساء

*Nascida para procriar.  
Sem direitos para ostentar  
Imposta com deveres sem nexos  
Afogo-me no complexo  
de não me poder libertar.*

*Nada além sem ser cooperar  
para ninguém me caçar,  
Pois, se fizer barulho ou der nas vistas  
A luz do dia nunca mais poderei contemplar.*

*Nada sonhar  
Nada viver  
Nada sorrir  
Nada conviver*

*Sempre chorar  
Sempre correr  
Sempre fugir  
Sempre **sangue** a escorrer*

*Nunca poderei dizer nada, se não  
Mais uma alma será levada, então terei de  
Viver na angústia  
Que a venda os meus olhos ofusca.  
(A.T)*

#### d) Mahsa Amini: o que se passou?

Mahsa Amini era uma jovem mulher do Irão que era extrovertida e gostava de dançar. Não usufruía de um historial de ativismo político, e cresceu numa região sem desenvolvimento suficiente para reter a sua população, o que fazia com que a mesma precisasse de migrar para as grandes cidades. A jovem também possuía um diário onde contou que iria para o Teerão para encontrar um familiar, e para possivelmente comprar um presente para o seu vigésimo terceiro aniversário, que infelizmente não conseguiu celebrar.

Testemunhas alegam que Mahsa estava na saída do metro Haqqani com o seu irmão quando um agente a chamou. Apesar dos protestos do seu irmão, acabou por ser levada para o quartel de Vozará, e só saiu de lá duas horas depois, já à beira da morte. No dia 16 de setembro foi declarado o seu óbito. Existem também relatos de outras testemunhas que afirmam que, após Mahsa ter sido levada do Parque Haqqani, a jovem teria protestado contra a sua situação, o que fez com que a mesma fosse brutalmente agredida.



Este acontecimento foi provocado apenas pelo facto de Mahsa não estar a usar corretamente o seu hijab, o que levou a inúmeros protestos que geraram outras vítimas da política de censura do Irão. Essas manifestações são compostas por mulheres que clamam pela sua liberdade, e queimam os seus véus, cortam os seus cabelos como forma de protesto contra um sistema teocrático, que culpam pela maior parte das suas dificuldades económicas, e das limitações dos seus direitos.

Apesar dos testemunhos que confirmam que a polícia teria agredido a jovem, a polícia iraniana negou qualquer tipo de contacto físico com a mesma. Embora o pai de Mahsa tenha proclamado que a sua filha estava “em perfeita saúde”, a Organização Forense Iraniana anunciou que “a morte de Mahsa Amini não foi causada por pancadas na cabeça e em órgãos vitais”, mas por meio de “uma intervenção cirúrgica devido a um tumor cerebral aos 8 anos”. Alguns militares da oposição alegaram também que a jovem teria sido fortemente agredida, porém as autoridades iranianas, mais uma vez, desmentem qualquer tipo de contato físico.

A atitude do regime iraniano contra as manifestações, como a detenção e a restrição às redes sociais, fizeram com que muitos países denunciasses essas atitudes.

# A AUTOCRACIA E O GELO OU O ANJO EXTERMINADOR



*Jagers in de Sneeuw, Pieter Bruegel*

A palavra autocracia é fria, é medonha, e quando em nome de uma autocracia se tenta esmagar um povo pela violência de um frio extremo, aí entramos no domínio do absurdo; na zona que jamais deve ser visitada, pois que é incompreensível, jamais desejada. Só a cabeça manchada pelo sangue de um autocrata será capaz de engendrar a seguinte estratégia: vencer um povo, submetendo-o à implacável dureza do frio. E isso, para o grande monstro do Leste e para outros monstros que pensam como ele, é fácil; destruir infraestruturas vitais dos povos que procuram sossego e harmonia. No dia 24 de novembro de 2022, vimos num telejornal uma estranha imagem de satélite. A fotografia foi tirada de noite e mostrava uma zona do leste europeu.

Os países do leste europeu que pertencem à União Europeia estavam iluminados, a Bielorrússia tinha as suas luzes devidamente penteadas, com aquelas lacas que são utilizadas nos mais sombrios mundos, e, tal como previsto, o extremo ocidental da Rússia estava num alinhamento luminoso, em perfeita sintonia com o seu país fantoche, mas o território da Ucrânia estava tão escuro quanto o mar Negro, logo ali ao lado. Estranha imagem essa.



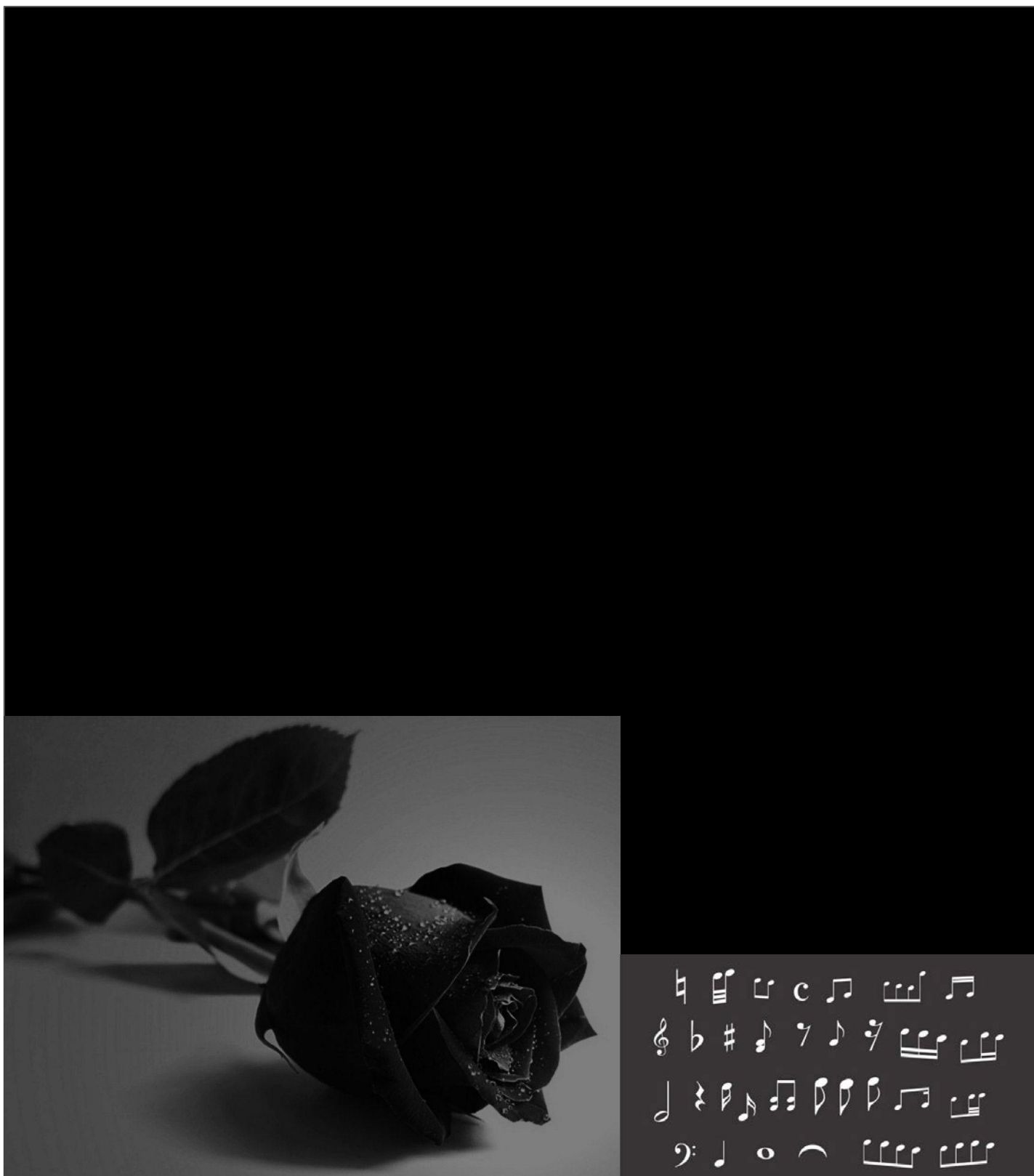
*Mas mais estranha é a causa que inspirou o satélite que captou tão aterradora fotografia. No mar Negro, os peixes que lá habitam não precisam de grandes catadupas de energia elétrica, porquanto, ainda assim, dançam nas águas negras e sem luz até às tantas da madrugada; e isso é perfeito, e isso está certo. Menos perfeito e menos certo é o que se passa numa outra latitude, um pouco mais a norte, onde tudo parece ser estranho, bizarro, aborrecido, assustador.*

*No desenvolvimento da notícia a que assistimos no Telejornal de que falamos, foi-nos revelado que do Leste soprou um hálito execrável: alguns mísseis, a quantidade não interessa apesar de o sabermos, foram disparados contra infraestruturas vitais para o povo ucraniano. Quando o inverno aperta naquela região, o frio não deve ser fácil de suportar. Não tendo mais alternativas, mas que sabemos nós disso (?), os grandes autocratas resolveram abrir as suas bocas podres, e o resultado foi inevitável: aquele hálito irrespirável invadiu as aldeias onde camponeses maravilhosos viviam a sua vida bucólica e feliz; cidades cosmopolitas privadas da vida interessante que decorria em velocidade alegre e livre; etc. Mas que raio querem os portadores daquele hálito nauseabundo? Barbarismo, fama, eterna glória?*

*O fenómeno Auschwitz não precisa de ser repetido; a História, e seguramente a Economia, já demonstraram o erro de tão grande estupidez. Repetir Auschwitz é um erro ainda pior. Aos autocratas que designam as grandes democracias por neonazis não lhes podemos tirar o chapéu, porque são eles, e não nós, os grandes destruidores de todas as liberdades. O que diriam Gogol, Pushkin, Dostoievski, Tchaikovsky se agora tivessem que conviver com todos estes canalhas, com estes horrendos canibais políticos, que abusam do poder temporal e até do espiritual? Se esses poetas das artes e da vida algo de sábio agora dissessem, nós conheceríamos o veredicto que lhes seria traçado: gelar na Sibéria, apodrecer no cárcere. Um autocrata não compreende o esplendor dos sonhos, não é sensível ao sofrimento dos outros, tem uma paixão incondicional pela violência, e não reconhece o poder das flores e da paz. Um autocrata é um canalha, é uma besta.*

*Se fôssemos bandidos, coisa que aliás não somos, faríamos um juramento: derrotar estas flores do mal que contaminam as outras flores que vivem nos jardins, arrancar as ervas daninhas e travar as espécies invasoras. Assim sendo, e como uma apressada conclusão, quase que poderíamos afirmar que o que nos falta é uma certa dose de inteligente bandidagem. Dotados de novas virtudes talvez pudéssemos afastar de forma definitiva aquilo que não se pode amar: a autocracia.*

# O estranho esplendor das ditaduras, ou uma brevíssima descrição da ascensão da extrema direita na Europa



Um poço escuro, sem fundo e sem qualquer vislumbre de uma luz, lá bem no fundo. Se isto nos amedronta? Isso é inquestionável. Onde não há melodia não florescem rosas, ainda que cheias de espinhos, mas que incondicionalmente amamos.

**Continuação de uma conversa sobre o estranho  
esplendor da ascensão da extrema direita na Europa  
e, porque não, no resto do mundo.**



Porque pouca coisa há a dizer mais, o artigo sobre a melancolia da autocracia chega finalmente ao seu FIM. E um FIM é importante quando destes assuntos se fala.





## FONTES

- Amnistia - [amnistia.pt](http://amnistia.pt)
- ONU - [unric.org](http://unric.org)
- Greenpeace - [greenpeace.org](http://greenpeace.org)
- Green Deal - [copernicus.gov.cz](http://copernicus.gov.cz)
- Cheias Paquistão - [images.impresa.pt](http://images.impresa.pt)
- Nobel - [nobelprize.org](http://nobelprize.org)
- Ales Bialiatski - [santiagomagazine.cv](http://santiagomagazine.cv)
- Memorial - [vindobona.org](http://vindobona.org)
- CCL - [dnoticias.pt](http://dnoticias.pt)
- Responsabilidade Empresarial - [pt.dreamstime.com](http://pt.dreamstime.com)
- Árvore países - [thumbs.dreamstime.com](http://thumbs.dreamstime.com)
- Bola Catar - [amnesty.org.au](http://amnesty.org.au)
- Save Ukraine - [bordalo.observador.pt](http://bordalo.observador.pt)
- Respect for Iranian women - [cdn.sabado.pt](http://cdn.sabado.pt)
- Dali - [wikipedia.org](http://wikipedia.org)
- Magritte - [masterworksfineart.com](http://masterworksfineart.com)
- One Love - [wort.lu](http://wort.lu)
- Protesto 1 - [thesun.co.uk](http://thesun.co.uk)
- Protesto 2 - [people.com](http://people.com)
- Mulher Afegã 1 - [bordalo.observador.pt](http://bordalo.observador.pt)
- Livro - [img.freepik.com](http://img.freepik.com)
- Mulher Afegã 2 - [s.abcnews.com](http://s.abcnews.com)
- Mulher Afegã 3 - [newlinesmag.com](http://newlinesmag.com)
- Van Gogh - [vangoghmuseum.nl](http://vangoghmuseum.nl)
- Mulher Afegã 4 - [elpais.com](http://elpais.com)
- Shirin - [cincartaz.publico.pt](http://cincartaz.publico.pt)
- Rostos de mulheres- filme Shirin
- Munch - [wikipedia.org](http://wikipedia.org)
- Reporter - [reportermagazin.cz](http://reportermagazin.cz)
- Bruegel - [artsandculture.google.com](http://artsandculture.google.com)
- Ucrânia - [folha.uol.com.br](http://folha.uol.com.br)
- Armas - [voicesofyouth.org](http://voicesofyouth.org)
- Arma e flores - [create.vista.com](http://create.vista.com)



SÊ PLURAL

